



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: LIBERTAÇÃO DOS OPRIMIDOS ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

Ellen Karolyne da Silva Pinho¹; Jefferson Santos Oliveira¹; Cleuma Maria Chaves de Almeida²
¹ Acadêmico(a) de Licenciatura em Química; ² Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – Campus Açailândia
e-mail: karolyne.ellen@gmail.com; jefferson3528hotmail.com; cleuma.maria@gmail.com.

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de educação destinada a um público muito específico de jovens e adultos que tiveram seu direito de educação negado em decorrência de inúmeros motivos. Os indivíduos sujeitos da EJA, na maioria dos casos, são oprimidos e ao reconhecer a educação como forma de libertação, lutam contra a opressão vivenciada tornando-se sujeitos transformadores e reflexivos da sua realidade social. Com o intuito de conhecer a realidade dos sujeitos da EJA, realizamos entrevistas com cinco alunos participantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) do curso técnico em meio ambiente integrado ao ensino médio, turno noturno, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - Campus Açailândia. Onde foi possível identificar o perfil dos alunos, levantando questionamentos no que tange o abandono e retorno à sala de aula e também verificando as contribuições que a educação pode proporcionar para a ascensão escolar e melhoria das condições profissionais, pessoais, políticas e sociais; ou seja, a libertação através da educação.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos (EJA), Opressão, Libertação.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma educação básica destinada a um público específico de indivíduos, que por diversos motivos não tiveram acesso à educação. Jardimino (2014) relata que a EJA é ofertada pelos sistemas públicos municipais e estaduais, e por instituições da iniciativa privada, ONGs, igrejas, empresas. Esse conjunto de processos e práticas pedagógicas é uma oferta diversificada disponibilizada para jovens e adultos e surge preenchendo lacunas deixadas pelo sistema de ensino regular.

Muitos alunos sujeitos da EJA vivem em situação de opressão e domínio. Somente os indivíduos de classe alta – os dominadores e opressores – que detém o poder e monopolizam a palavra, mantendo o domínio das classes inferiores, impondo a prestação de serviços sem as mínimas condições dignas. Esta situação de opressão e obrigação do trabalho



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

faz com que crianças e adolescentes tenham seu direito de educação negado e também que sejam isentos de consciência e criticidade da sua realidade.

A violência dos opressores que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (Freire, 2005, p. 20)

Os alunos da EJA vivem em uma realidade de opressão e grande parte não teve acesso à educação, por pertencer a classes economicamente desfavorecidas. Entretanto, em outros casos, a falta de acesso à educação não foi o fator determinante da interrupção dos estudos em período regular, mas sim as dificuldades em dedicar tempo e energia aos estudos, trabalho e família, simultaneamente, ou até mesmo a falta de interesse e as más companhias.

Com o passar do tempo, os oprimidos começam a ter consciência da dominação que sofrem e passam a lutar contra aqueles que os fizeram inferiores. A busca pela educação é uma forma de lutar contra toda opressão sofrida. Recuperam sua humanidade, questionando, transformando e recriando o seu cotidiano e tornam-se sujeitos restauradores da humanidade dos oprimidos e opressores. Freire (1989, p. 19) ressalta que “a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra”. Daí surge a pedagogia libertadora, quando os indivíduos oprimidos lutam pela liberdade de si mesmo e dos opressores.

No entanto esta ideia de liberdade a primeiro momento leva o oprimido a ser opressor do opressor, como diz Freire (2005, p. 21):

O “homem novo”, em tal caso, para os oprimidos, não é o homem a nascer da superação da contradição, com a transformação da velha situação concreta opressora, que cede seu lugar a uma nova, de libertação. Para eles, o novo homem são eles mesmos, tornando-se opressores de outros. A sua visão do homem novo é uma visão individualista.

A negação do direito à educação na vida infantil e/ou na adolescência pode ser devido aos diversos problemas enfrentados na sociedade em que viveu ou em que vive o indivíduo, obrigando este a retornar à sala de aula somente na fase adulta, onde busca uma certificação para que possa ingressar no mercado de trabalho. Muitos dos indivíduos



desistiram de estudar no tempo hábil por terem a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família ou até mesmo outras situações. No caso das mulheres, o acontecimento da gravidez acaba modificando todo o futuro.

Após algum tempo, os indivíduos sentem a necessidade de voltar à sala de aula, de superar os obstáculos da vida com o objetivo de vencer na vida. O vencer na vida está ligado à ascensão escolar, a busca pela formação acadêmica para conseguir melhores condições de trabalho e de vida. O homem novo busca a libertação da situação opressora em que vive e amplia sua visão de mundo procurando transformação.

Pensando no processo de ensino aprendizagem, no âmbito social educacional e profissional, neste trabalho procuramos evidenciar os principais desafios enfrentados e superados pelos sujeitos alunos ao retornar à sala de aula na fase adulta, os desafios do concílio de família-escola-trabalho, além de também, reconhecer nos alunos as contribuições positivas e negativas da Educação de Jovens e Adultos para a libertação pela educação.

2 METODOLOGIA

Segundo Jardimino (2014), a Educação de Jovens e Adultos atende a um público específico que teve o direito à educação negado e que mais tarde retorna às instituições de ensino, buscando concluir sua escolaridade. Obrigados a viver sob condições de opressão, preconceito e exclusão, os sujeitos buscam na educação uma libertação de vida para se tornarem ativos na sociedade em que vivem.

Para conhecer da realidade dos alunos da Educação de Jovens de Adultos, suas trajetórias de vidas, suas expectativas e vivências, realizamos entrevistas com cinco alunos participantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) do curso técnico em meio ambiente integrado ao ensino médio, turno noturno, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - Campus Açailândia. Os questionamentos levantados foram a respeito das dificuldades enfrentadas pelos alunos durante o processo educacional, sobre os motivos pertinentes que os fizeram abandonar e/ou não frequentar uma escola na fase regular, suas principais motivações para retornar a estudar, as contribuições que a educação



proporcionou para a vida social, cultural e profissional, e assim, identificando o perfil dos alunos entrevistados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na entrevista aos alunos foi possível perceber que o sucesso e interesse escolar estão intimamente ligados à atuação dos professores. A maneira como os alunos assimilam o conteúdo e a empatia à disciplina é resultado da metodologia do professor na sala de aula, sendo que sua forma de ser, pensar e falar influencia diretamente na vida desses alunos. Sendo assim, a visão do professor interfere bastante na forma de transmitir os conteúdos para os alunos da EJA, pois nem um ser é inerte as influências que o acerca. Assim, todas suas relações pessoais desde o início de sua vida comandam suas atitudes, e a por sua vez as relações com seus alunos. Tendo isso em vista e podendo afirmar que os alunos da EJA apresentam maior proveito do conteúdo quando se identificam com o professor, o conjunto de experiências do docente pode auxiliar na educação desses jovens e adultos.

O perfil dos entrevistados, no contexto do PROEJA oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - Campus Açailândia, é de alunos que tiveram acesso à escolas na sua localidade residencial e tinham possibilidades de cursar o ensino básico regular, mas desistiram do processo educacional. Isto revela que o fator crucial para a desistência desses alunos não foi de ordem estrutural escolar, pois haviam escolas e vagas disponíveis, mas desistiram por problemas pessoais, sociais ou pela baixa qualidade de práticas de ensino da educação disponível.

De fato todos os alunos entrevistados alegaram “falta de interesse” como um dos fatores de desistência quando perguntados, enfatizando que “as aulas não eram interessantes” e apontando sérias falhas da prática pedagógica dos professores. A carência de qualidade na educação básica pesa na decisão do aluno desistente, no entanto, o motivo maior da decisão tem caráter mais pessoal e social, conforme percebido nas afirmações: “tive um filho”, “passei por um momento de instabilidade familiar”, e “me envolvi com más companhias”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Quando questionados sobre os motivos para o retorno à escola através da disponibilidade do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), percebemos nos entrevistados respostas que apontam para um real interesse em sua reinserção sociocultural, como por exemplo, “desejo o certificado do ensino médio para entrar na faculdade” e “a oportunidade de qualificação técnica junto ao ensino médio” que foram repetidamente citadas. Apenas um dos entrevistados disse: “não tenho ideia do que fazer após o curso”.

Como sabemos, não são poucos os alunos que, mesmo em condições e com oportunidade de ingressar na EJA, decidem não continuar os estudos. Perguntamos aos alunos qual seria o motivo, em sua visão, pelo qual outras pessoas que eles conhecessem optassem por esta opção e as respostas enfatizadas foram: “falta de tempo”, “dificuldade em conciliar trabalho-família-estudo”, “dificuldade de acompanhar o raciocínio dos professores” e “falta de compromisso dos alunos”.

Em seguida, na tentativa de descobrir como os alunos veem o conhecimento construído em sala de aula, perguntamos se as aulas carregavam noções que eles levariam para a vida, ou se somente serviriam dentro da sala de aula para a execução de provas. Realmente gostaríamos de reformular essa pergunta em particular solicitando um exemplo, pois a maioria dos alunos disse que sim, mas abstiveram-se de algum relato. Apenas um aluno fez relato ao adicionar que “antes não tinha consciência da realidade” e apontou a importância de “preservar o meio ambiente” como parte dessa nova visão adquirida.

Quando questionados sobre suas maiores dificuldades de aprendizado, os estudantes retornaram à “falta de tempo” e já citada em uma pergunta anterior como dificuldade de retorno de alguns à escola. Alegaram também timidez e desconforto ao estudar uma disciplina que gostavam, mas era ministrada por um professor que não dispunha de uma boa didática. Outra aluna foi mais a fundo ao dizer: “teoria sem prática nas disciplinas técnicas”.

Observando os dados obtidos nas entrevistas, percebemos que a Educação de Jovens e Adultos surge como uma forma de reinserção social para o jovem e o adulto, que antes era submetido a algum tipo de opressão, seja social, cultural, e até mesmo familiar e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pessoal, onde encontra na educação uma libertação, que possibilita melhores condições e oportunidades no mercado e trabalho, consolidando uma vida mais digna.

4 CONCLUSÕES

Jardilino (2014, p. 164), sobre os sujeitos da EJA, afirma que “muitos desses alunos tiveram de romper barreiras erguidas pela família, pelo preconceito e pela exclusão, transpostas em razão de um grande desejo de aprender”. Quando o sujeito rompe as fronteiras existentes entre ele e a educação, ele aguça sua vontade de aprender e se apodera da leitura do mundo, em concordância com Freire (2011, p. 49) que diz que “sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo”.

Por fim, a educação constitui uma forma real de libertação quando voltada para essa finalidade. Isto acontecerá quando esse sujeito se reconhecer como oprimido buscando sua própria libertação e tornando-se um homem novo. Ressaltando que não é o professor que o liberta, mas sim, o próprio aluno. É através da educação que é possível mudar o quadro do alto índice de analfabetismo no Brasil. E os indivíduos antes oprimidos poderão assim “ter as palavras”, e tornarem-se reconhecidos pelos seus conhecimentos, configurando-se um intelectual orgânico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Paz e Terra, São Paulo: 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JARDILINO, José Rubens Lima. **Educação de Jovens e Adultos: sujeitos, saberes e práticas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.